
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

GÊNERO CLÁSSICO, PROCESSO MODERNO: O USO DO PARALELO
POR CHARLES PERRAULT

Roberta Andrade do Nascimento
(UFRJ)

RESUMO: No *Parallèle des Anciens et des Modernes* Charles Perrault questiona a veneração cega de um passado que sacrificaria o tempo presente. Este texto em prosa é regido por uma dinâmica própria, ou seja, pelo movimento *reflexivo*, característico da reflexão desenvolvida pelos românticos alemães e da modernidade tal como se apresenta sobretudo na crítica de arte de Charles Baudelaire. O questionamento de Perrault implica, neste sentido, o reconhecimento da insuficiência da experiência anterior e a afirmação do tempo presente como novo valor.

PALAVRAS-CHAVE: *Parallèle des Anciens et des Modernes*, Charles Perrault, crítica.

O debate conhecido como *Querelle des Anciens et des Modernes* tem início na Renascença, mas seu ponto culminante é a França do final do século XVII: ele marca o momento em que o país toma consciência de sua identidade cultural, igualando, num primeiro momento, os feitos de seu tempo aos dos séculos passados. Defensor de novos valores, Charles Perrault, inicialmente no poema *Le Siècle de Louis le Grand* e em seguida nos quatro tomos de seu *Parallèle des Anciens et des Modernes*, questiona a veneração cega de um passado que sacrificaria o tempo presente.

Em 1687 o abade Louis Lavau lê na Academia Francesa o poema de Charles Perrault *Le Siècle de Louis le Grand*. Nele, o autor proclama a primazia da arte de seu tempo, pondo em questão a necessidade de imitação de modelos antigos, abalando, então, as noções de tradição e de autoridade, características da Antigüidade. Tal leitura provoca discussões, reclamações e censura no meio acadêmico. Em 1688, como resposta às críticas que sofrera de seus adversários, Perrault publica o primeiro tomo do *Parallèle des Anciens et des Modernes*, texto em prosa que conserva e desenvolve os mesmos princípios do poema rimado. Nesse texto, redigido sob a forma de um diálogo entre três personagens – um Abade, defensor dos valores modernos, um Presidente, defensor dos valores antigos, e um Cavaleiro –, Perrault esboça uma crítica estética:

compus o pequeno poema do *Siècle de Louis le Grand*, que recebeu muitos elogios na leitura que se realizou na Academia Francesa (...). Estes elogios irritaram tanto o senhor Despréaux, que depois de ter resmungado muito tempo bem baixo, se levantou na Academia e disse que era uma vergonha que fosse feita tal leitura, que censurava os maiores homens da antigüidade. (...) Senhor Racine me parabenizou por esta obra, que elogiou bastante, supondo que fosse apenas uma simples brincadeira que não continha meus verdadeiros sentimentos, e que na verdade eu pensava exatamente o contrário do que tinha desenvolvido no meu poema. Fiquei irritado que não acreditassem ou pelo menos fingissem não acreditar que estivesse falando sério, de modo que decidi dizer em prosa o que tinha dito em verso, e dizer de uma maneira que não deixasse dúvida sobre meu verdadeiro sentimento. Eis qual foi a causa e a origem dos meus quatro tomos do *Parallèles*. (Perrault 1993: 235-6. Tradução livre.)

O diálogo é um gênero da reflexão filosófica utilizado na Antigüidade greco-latina e na Renascença italiana, aparecendo em plena forma no século das Luzes como prática corrente da literatura. De certa maneira, pode-se dizer que, em Perrault, este tipo de conversação torna-se um modo de produção intelectual e de reconhecimento das várias vozes que coexistem num mesmo território. Diante do diálogo, que se estrutura como uma forma aberta, o leitor precisa se situar entre dois sistemas de organização diferentes: o fictício e o real. O diálogo de idéias é uma forma privilegiada da reflexão e destaca a existência de uma crise. Esta crise permite, ao mesmo tempo, conduzir uma reflexão teórica e estética sobre o gênero e avaliar a dimensão crítica da obra, sobretudo porque o leitor deve se situar a partir da superposição conflituosa de alteridades. Nesse contexto, trabalha-se no lugar do exercício crítico e sobre os valores recebidos.

Percebe-se, dessa forma, que há uma modificação interna no corpo do debate que é provocadora de mudanças que não se desenhavam como objetivos e não estavam presentes desde o início. A necessidade que Perrault teve de aprofundar o seu argumento inicial fez com que seu texto acabasse se configurando como um pretexto para refletir sobre os caminhos da arte de seu tempo, estruturando-se, pois, como uma reflexão que tem como objetivo analisar as mudanças que se processam nos campos da arte e da literatura.

É importante destacar que o período que se estende de 1687, ano da leitura do poema de Perrault na Academia, a 1697, data da publicação do último volume do *Parallèle des Anciens et des Modernes*, mostra ainda que partidários dos dois grupos partilhavam de uma série de princípios e que uma das distinções mais importantes apresentadas pelos modernos é a percepção de uma diferença significativa entre os tempos. Com a percepção de tempo linear, a diferença consiste em que Antigos se referem a um patrimônio universal, representado pela Antigüidade greco-romana que se conciliou com o cristianismo, enquanto modernos escolhem a via de um nacionalismo; começa a ser construída a autoconsciência da especificidade de cada época, essa autoconsciência da historicidade demonstra que a ótica do tempo perpassa toda a *Querelle*, possibilitando a ancoragem dos dois grupos em seus respectivos campos: para Antigos, o tempo é cíclico e supõe uma ameaça de decadência; para modernos, o progresso pressupõe a especificidade do século contemporâneo; a consciência do relativismo histórico dificulta, portanto, a emissão de um julgamento único e universal.

A noção de diferença se faz presente no discurso de Perrault sobre eras e séculos, por meio de uma reavaliação de sistemas convencionais. Por parte dos defensores de modelos antigos, ecoa o fato de que a manutenção de valores construídos por referenciais como Homero garante a preservação de um padrão intelectual; por parte dos modernos, percebe-se que a formação de um público que começa a participar como elemento crítico no campo das artes promove importantes mudanças na esfera literária através da recepção das obras. A aceleração da velocidade da comunicação é também um prenúncio de uma nova concepção temporal, na concepção de Jaus:

A descoberta da diferença entre o antigo e o moderno, na esfera das belas-letas, representa, como resultado da *Querelle*, que a percepção histórica transforma-se, na França, na dimensão de um tempo irreversível, iniciando, desse modo, o Iluminismo. A partir da constatação da diferença entre a arte antiga e a arte moderna e da diferença entre os costumes dos tempos modernos, o olhar volta-se cada vez mais para a especificidade histórica das diferentes épocas. (...) Com essa nova perspectiva da Antigüidade, mudou-se também a autoconsciência histórica da própria modernidade. Já na época da *Querelle*, e mais ainda após o seu término, encontram-se testemunhos da consciência do início de uma época importante, diferente de todos os tempos anteriores, com a luz da razão esclarecida. (Olinto1996: 63)

Ao trabalhar com uma nova noção de tempo, que não implica mais somente distância, mas principalmente diferença, Perrault compõe uma noção de crítica como uma construção, um encadeamento, uma criação que se compõe a cada vez. Nesse sentido, a *Querela* marca um momento de crise, de rompimento consciente entre os pares; nesse contexto, romper significa estabelecer um diálogo eloqüente com aquilo com que se rompe, implica o emprego do pleno exercício crítico. A *Querela* supõe o reconhecimento do *alterar-se*. O tempo se abre à novidade, que existe apenas no interior de um tempo histórico.

Ao classificar o moderno como alguém de seu tempo e de sua época e o Antigo como aquele que pertence ao seu tempo, mas não à sua época, Perrault permite fazer uma leitura da arte a partir da experiência da alteridade e da tensão provocada pelo novo, no que diz respeito à avaliação e reorganização de um sistema. Nesse contexto, a *Querela* permite, pois, revelar a formação da consciência histórica que, nas artes, vai apontar para uma diferença entre os tempos passado e presente e vai propor outro discurso, distanciando do projeto de imitação dos valores clássicos da Antigüidade. Esse princípio promove um debate sobre a noção de autonomia da arte e do artista e sobre a idéia de liberdade de julgamento do público, conduzindo ao reconhecimento da experiência como um novo padrão de valor. A reavaliação de valores é um argumento que faz com que os conflitos produzidos pela própria dinâmica da querela sejam sempre atuais. Além disso, a coexistência de opiniões dissonantes favorece a produção de diálogos e de debates.

Ou seja, é a representação da existência de uma tensão contraditória entre permanência e mudança, uma maneira de avaliar a relação que se estabelece com o próprio tempo, pensando o modo como passado e presente interagem. Essa tensão entre valores do presente e do passado permite a estruturação de uma confrontação *crítica*. Nesse sentido, os princípios se

constroem a partir da valorização do novo como elemento positivo em oposição à repetição. A busca do novo é, pois, o motor da pesquisa que conduz à mudança.

Os quatro tomos do *Parallèle des Anciens et des Modernes* formam uma tese única, calçada sobretudo no valor do tempo, na questão do presente. O novo provoca uma tensão ao sugerir exclusão ou (re-)organização de paradigmas em um sistema, isto é, em um sistema que reconhece a idéia de criação de uma *tradição do presente* e a ligação que se estabelece entre os diversos domínios da cultura e que discute essas questões como um problema no qual residem o “como trabalhar” e “de que forma reclamar” uma tradição que se constrói sem dever à Antigüidade. Charles Perrault é astuto para defender seus argumentos: enquanto escritor, ele destaca algumas questões sociais do reino, buscando utilizar o panegírico real obrigatório como uma estratégia de valorização do presente, visto que os elogios são deslocados, na maior parte das vezes, da pessoa Real para as produções artísticas da época. O monarca é um pretexto que funciona como pano de fundo para desenhar outra questão: a reflexão sobre a arte do presente.

A noção de relatividade do tempo histórico esboçada no *Parallèle* aponta, como já foi dito, para a impossibilidade de emissão de um julgamento único sobre o valor das obras, uma vez que a arte, a partir desse princípio, passa a ser considerada uma realização única e irrepetível, marcada pela época e pelo local de nascimento. Nesse contexto, a tarefa da crítica, que comporta em suas bases as dimensões de crise e de conhecimento, produz autoconhecimento e auto-reflexão, ganhando relevância quando compreendida de um ponto de vista teórico. A noção de relatividade destaca o fato de que não se pode mais operar com fórmulas fixas, pois a obra capta a crise instaurada em um agora, legitimando um novo presente; afirma-se, então, que cada época possui uma nova possibilidade que não é transmitida por herança, pois estamos sendo sempre reconduzidos a uma nova origem¹.

Diante de uma nova origem, há o deslocamento das noções de *antigo* e *moderno*. Inserido nessa dinâmica, o belo não aceita construção teórica, visto que é um valor temporal e que por isso se desloca a cada vez. No discurso crítico, porém, essa construção é possível e se estrutura através de uma teoria sobre a arte. Ao interrogar a noção de arte, Perrault produz um discurso que a mantém enquanto problema, além disso, interroga nesse mesmo contexto a história do homem. A arte, ao produzir outro valor, produz um deslocamento do olhar. Portanto, cada obra, ao inventar sua época, sua historicidade, produz esse deslocamento que faz movimentar um sistema, uma vez que se trata de aceitar o outro, que se põe como diferença. Nesse contexto, defende-se a idéia de que o gosto é uma construção cultural, ou seja, é um sistema de representação que demonstra a forma como o homem dá significado ao mundo que é seu.

A análise de Perrault vai além dos valores de permanência ao propor a análise da obra destacada de seu tempo ou de seu lugar de produção, tentando inverter totalmente a ótica do valor, discutindo a possibilidade de existir um gosto distinto, mas sem dizer em que esse gosto se apóia, pois a própria noção de épocas diferentes torna essa conceituação de

¹ Refiro-me aqui à *origem* em sua acepção benjaminiana. Em sua leitura, Benjamin concebe a origem como aquilo que nasce a cada momento, podendo, por isso, ser entendida por seu caráter paradoxal: é restauração de um momento e um movimento em devir. Nesse sentido, ela implica um confronto incessante entre uma idéia e um mundo histórico e desse confronto ocorre a descoberta do agora.

base universal impossível, ou seja, não há um único padrão em que se apoiar; nesse sentido, cada época e cultura têm seu código estético próprio, há aqui uma relativização dos sistemas de referência, o que remete à idéia de autonomia da arte. Essa relativização põe em cena o caráter contraditório do projeto moderno, que implica o reconhecimento de uma tradição e o sentimento de atraso que se tem em relação a uma experiência.

Para Perrault, a obra, para ser tida como perfeita, não precisaria estar apoiada em grandes nomes da Antigüidade – como garante Boileau (1966), para quem a antiga e constante admiração pelas obras de um autor era prova de que se deveria admirá-lo –; mas no conhecimento de acordo com o tempo. Perrault não consegue realizar seu objetivo inicial – comparar épocas –, uma vez que essas exigem padrões de representação distintos; ele propõe a coabitação de obras e opiniões, apontando para os limites impostos pelo cânon clássico, constituído com o objetivo de funcionar como uma espécie de presença virtual de uma tradição que serviria para perpetuar a prevenção.

Pela diversidade, o autor do *Siècle de Louis le Grand* estabelece uma maneira diferente de falar sobre a arte, distanciado de um procedimento tradicional e dogmático utilizado pela crítica. O ato de dobrar-se sobre os problemas colocados estrutura no *Parallèle* um movimento de reflexão inicialmente implícito, mas que se desenvolve ao longo do debate. Pouco a pouco, Perrault decide aprofundar e estender as questões nucleares do início, pondo em cena um ato que supõe uma intenção. A re-flexão, o dobrar-se sobre a obra supõe um projeto. É isto que vai provocar uma modificação interna no debate da Querela e no *Parallèle des Anciens et des Modernes*, é o fato de tentar a cada vez reorganizar um sistema. A “modernidade” do debate de Charles Perrault está no fato de que tudo se dará no *processo* mesmo da escritura e não no resultado da comparação. Neste caso, a crítica é a reflexão da obra, conduzindo ao desdobramento « do germe crítico imanente a ela mesma » (Benjamim s/d: 85).

O *Parallèle* conduz a um conflito de idéias, destacando a dinâmica das sociedades e a relação do homem com o tempo através da arte. Nos diálogos desenvolvidos nesse texto em prosa, Perrault potencializa a tradição a partir da valorização do presente. A crise põe em questão critérios que antes não existiam, além das ligações de dependência. Os modernos projetam um olhar positivo sobre o novo. Há novas formas que estabelecem diálogos com as formas já existentes num movimento infinito que conduz ao caráter móvel da modernidade, termo que não comparece de fato no *Parallèle des Anciens et des Modernes*. Ora, se o paralelo é uma forma particular de comparação há aí um problema: a lógica do absolutismo põe em questão o paralelo enquanto modelo, uma vez que Luís XIV é igual apenas a ele mesmo, um monarca superior aos modelos antigos e, nesse sentido, inimitável. Além disso, a comparação enquanto ornamento narrativo provoca distanciamento e o que Perrault tenta produzir através de seus diálogos é a adesão dos leitores.

Dessa forma, o paralelo, enquanto instrumento da história, se encontra posto em questão. Ao fazer uso desse recurso, Perrault ultrapassa a idéia dentro do modelo, mostrando que o gênero, clássico, não funciona mais. Além disso, ele demonstra, ainda dentro do modelo, a insuficiência do artifício, visto que um modelo não aceita comparações. Nesse caso, a anterioridade dos antigos se transforma em inferioridade. Diante da impossibilidade de estabelecer uma comparação, de dar conta de uma experiência anterior, Perrault conduz à

idéia de que cada época tem seu código estético e que o presente se impõe como referência. A forma escolhida – o paralelo – por Perrault parece não ter sido feita de maneira aleatória, o que permite pensá-la como a representação de um sistema crítico, uma vez que as obras não se separam de suas épocas e trazem as marcas dos outros tempos, mas não correspondem a eles. A arte é o resultado do diálogo entre o tempo presente e o homem. De fato, propondo *clássicos modernos* Perrault põe em destaque o caráter temporal da arte, a questão da historicidade. Através do debate, é possível analisar, como diz Levent Ylmaz (2004), o impacto de uma transformação radical das estruturas da temporalidade de uma sociedade.

Ao tentar definir o belo a partir do eixo de relatividade, o debate mostra como cada um constrói o seu conceito de Antigüidade ou, antes, o de *clássico*. Nesse sentido, não se trata de ver uma atualidade eterna do clássico ou o seu retorno cíclico, mas sim ver através dele a tradição preservada pelo seu valor anacrônico², pelo exercício desencadeado por uma forma de olhar dinâmica e consciente que expõe e remete a uma trama de tempo que pulsa incessantemente, permitindo, dessa forma, a elaboração de novos discursos. Nesse contexto, a partir de um elemento somos remetidos a uma idéia de valor, que desencadeará o movimento de reflexão, o pensar o pensar do pensar, para retomar a expressão utilizada por Benjamin em *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Dessa forma, o clássico não seria um valor nem sólido nem estável, imóvel. Situado histórica e culturalmente, poderia pertencer a qualquer época e erigir em qualquer tempo novos paradigmas de análise. Assim sendo, a idéia de “clássico moderno” se constrói como um projeto que se supõe como exercício intelectual, visto que se caracteriza pela variedade e pela complexidade histórica, podendo, dessa forma, interrogar sobre o sentido e sobre a diversidade.

O clássico, nesse sentido, não é causa de ruptura, mas antes uma proposta de compromisso que pode se aplicar tanto a Antigos quanto a modernos, às vezes liga as duas categorias, às vezes as discrimina. O clássico moderno seria a presença da tradição através de uma leitura anacrônica, um exercício que se liga à idéia de modernidade concebida como consciência do tempo presente. Nesse contexto, cada literatura nacional procurará seu momento clássico. O discurso sobre o belo produz o valor e transforma o objeto em obra de arte. Isto quer dizer que a arte está no olhar que se lança sobre o objeto e que a obra, porque é dinâmica, inventa sua historicidade, fazendo modificar os critérios de seu julgamento. Ela oferece, ainda, a possibilidade de pensar sobre a própria arte. Nesse sentido, o paralelo pode ser concebido como forma geradora de problemas, que inventa seu público assim como produz um valor.

Enquanto discurso crítico, este texto de Perrault é um espaço em que se mostra o diálogo de alteridades. O debate estabelecido entre personagens distancia do contexto a idéia de oposição e constrói a de coexistência através do diálogo que estabelece com o passado e contra a autoridade de seus contemporâneos:

² O conceito de anacronismo utilizado nesta pesquisa é o desenvolvido por Georges Didi-Huberman sobretudo em seu livro *Devant le temps. Histoire des Arts et anachronisme des images*. Para Didi-Huberman, o anacronismo é um mecanismo que atravessa todas as contemporaneidades; há nele uma temporalidade consciente, ele se torna importante quando o passado se revela insuficiente à sua própria compreensão. Nesse sentido, o anacronismo é a materialização do que na obra sempre esteve, mas que ainda não tinha sido concretizado através da experiência; o anacronismo é, ainda, uma força dialética que obriga a rever as várias redes de leitura e que, por isso, dialoga com referências culturais heterogêneas.

A Querela de Perrault chega, portanto, ao final de um processo em que o cânon de imitação dos autores antigos, que as instituições perpetuavam, revela seus limites. As instituições que tinham como objetivo o estabelecimento do saber dos Antigos se transformam e deixam de ser lugares de redundância da Antigüidade para se tornarem lugares de saber e pesquisa. O ponto crítico não recai mais sobre o valor específico da Antigüidade, mas sobre o valor do presente. Ora, este presente que se constrói começa a se destacar do passado. (Ylmaz 2004: 104. Tradução livre.)

Concebida como *processo*, a Querela se constitui dialeticamente, por meio do diálogo eloqüente com a tradição, e não por meio da destituição de sua alteridade. É a partir do choque entre alteridades temporais que se pode pensar os problemas sobre a arte. O *Parallèle* vai mostrar uma tensão entre as alteridades temporais e o debate sobre a autonomia do discurso crítico vai aparecer sob a forma do particular *versus* o universal. O que é posto em questão é a afirmação de um modelo – qualquer que seja – como um ponto de referência fixo. No *Parallèle*, Perrault discute a questão da *emulatio*; ora, trabalhar sob essa perspectiva significa admitir a existência de uma nova maneira de estabelecer uma relação com o tempo. Quando este autor trabalha a idéia de ultrapassar dentro do modelo, ele já mostra o ideal dos modernos, um ideal que é baseado sobre suas próprias experiências e sobre o elemento histórico:

Um deslize se opera através dos debates sobre o modelo, a imitação, a representação e a maneira de abordar a Antigüidade. O status de autoridade não depende mais, depois da Querela, do princípio de antigüidade. Opera-se uma mudança do regime de verdade: a verdade não é mais dada, ela se constrói com a ação do tempo. (...)

O novo se encontra valorizado, pesquisado, admirado, em detrimento da repetição. Não se quer mais repetir o que já existe. A busca do novo conduz à acumulação de conhecimentos, à interpretação, à mudança e à revolução. (Ylmaz, 2004: 35. Tradução livre.)

Nesse sentido é possível dizer que o *Parallèle* é um ensaio, no duplo sentido da palavra, que amplia o debate crítico; nele a opinião do público passa a ser considerada em detrimento do julgamento dos juízes da arte, representantes de instituições oficiais. A crítica dogmática que firmava seus pilares no pressuposto de um julgamento universal e na uniformização de opiniões garantida pelo respaldo dos nomes escolhidos como modelos vai de encontro ao discurso que prega a pluralidade de vozes.

O primeiro texto que compõe o *Parallèle des Anciens et des Modernes* apresenta as idéias de Charles Perrault acerca dos problemas das artes de modo geral; trata-se de um texto nuclear, talvez um centro nervoso do qual e para o qual irradiam todas as suas reflexões. Em seu subtítulo – *de la prévention en faveur des anciens* – está a base de um discurso que se estruturará de forma teórica, como um manifesto contra o sentimento irracional de atração ou repulsão: é a idéia de reflexão contra a de opinião preconcebida. Perrault demonstra, em suas análises, que não há um ponto de vista decisivo, ele pratica crítica e autocrítica; os seus diálogos constituem, dessa forma, um corpo crítico que suscita autocrítica, pois pensa a relação homem/sociedade pondo os valores em questão, fundando seu discurso no exercício do conflito.

Desde o Prefácio do *Parallèle* Perrault explicita o olhar que vai lançar sobre o objeto a partir de reflexões teóricas que tomam o tempo presente como o ponto de partida de um processo que formaliza num mesmo espaço figuras de tempos heterogêneos, isto é, pertencendo elas também ao passado. Se é possível considerar que a imagem do paralelo não conduz à idéia de convergência, é possível vê-lo como uma figura de pensamento que não objetiva a resolução de contradições, visto que trabalha sob o signo de uma dialética aberta.

O *Parallèle des Anciens et des Modernes*, enquanto ataque à própria idéia de paralelo, demonstra uma relação muito estreita com o presente. Nele, o modelo é um argumento, seu uso quer provar que é possível até mesmo ultrapassar dentro de um meio sustentado enquanto tal. Nesse contexto, diante de cada manifestação da arte, o discurso crítico se encontra obrigado a reorganizar o sistema, pois a arte traz sempre consigo a historicidade do sujeito. Essas idéias favorecem a formação de um movimento reflexivo de onde é possível extrair duas questões centrais: a relatividade do belo e seu caráter transitório. Estas duas questões são o resultado da agudização do argumento inicial presente no debate do *Parallèle*. Dessa forma, a arte pode se descobrir e se renovar infinitamente.

CLASSIC GENDER, MODERN PROCESS: THE USE OF PARALLEL FROM CHARLES PERRAULT

ABSTRACT: In *Parallèle des Anciens et des Modernes*, Charles Perrault questions the blind adoration of a past that would sacrifice the present. This prose text is governed by a proper dynamics, the *reflexive movement*, a way of thinking pushed forward by German romantic authors, and a feature of modernity that is particularly present in Baudelaire's critique of art. In such a context, this challenge implies the acknowledgement of insufficiency of the previous experience, and the assertion of the present as a new value.

KEYWORDS: *Parallèle des Anciens et des Modernes*, Charles Perrault, critique.

OBRAS CITADAS:

BENJAMIN, Walter. s/d. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras.

BOILEAU, Nicolas. 1966. "Réflexions critiques sur quelques passages de Longin". *Oeuvres complètes*. Textes établis et annotés par Françoise Escal. Paris: Gallimard.

DIDI-HUBERMAN, Georges. 2000. *Devant le temps : histoire de l'art et anachronisme des images*. Paris: Minuit.

FUMAROLI, Marc (org.). 2001. "Les abeilles et les araignées". *La Querelle des Anciens et des Modernes*. Paris: Gallimard.

_____. 1999. “La querelle des Anciens et des Modernes. Sans vainqueurs ni vaincus”. *Le Débat*, n° 104 – mars/avril. Paris: Gallimard.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. 1999. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.

GILLOT, Hubert. 1968. *La Querelle des Anciens et des Modernes en France*. Genève: Slatikine Reprints.

HARTOG, François. 2005. *Anciens, modernes, sauvages*. Paris : Galaade.

JAUSS, Hans Robert. 1996. “Tradição literária e consciência atual da modernidade”. OLINTO, Heidrun Krieger (org). *História da literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática.

PERRAULT, Charles. 1964. *Parallèle des Anciens et des Modernes en ce qui regarde les arts et les sciences*. Munich : Eidos Verlag.

_____. 1964. *Le Siècle de Louis le Grand*. In: PERRAULT, Charles. *Parallèle des Anciens et des Modernes en ce qui regarde les arts et les sciences*. Munich: Eidos Verlag.

_____. 1993. *Mémoires de ma vie*. Paris: Macula.

YILMAZ, Levent. 2004. *Le temps moderne. Variations sur les Anciens et les contemporains*. Paris: Gallimard.